

## **O lugar entre mulheres e linhas**

*The place amongst women and threads*

**Sabrina Morais Ferreira e Carlos Alberto Máximo Pimenta**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8362>

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Sabrina Morais Ferreira e Carlos Alberto Máximo Pimenta, « O lugar entre mulheres e linhas », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8362>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# O lugar entre mulheres e linhas

*The place amongst women and threads*

**Sabrina Morais Ferreira e Carlos Alberto Máximo Pimenta**

---

## NOTA DO EDITOR

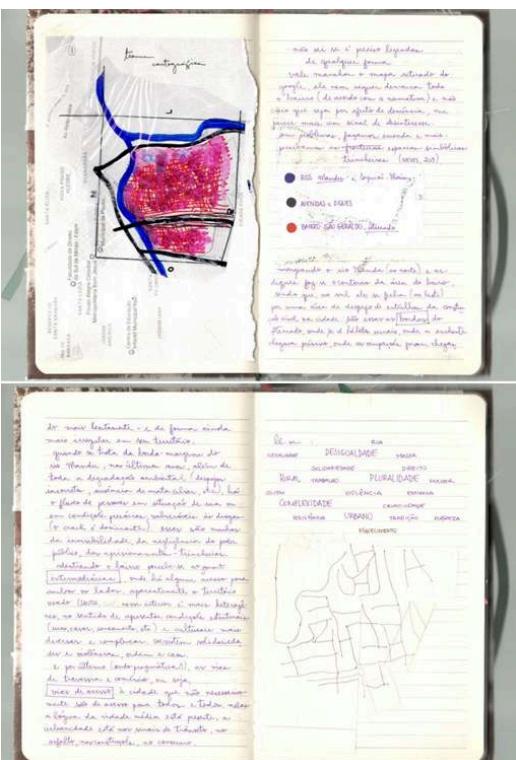
Versão original recebida em / Original Version 19/02/2020

Aceitação / Accepted 03/05/2020

## Introdução

- 1 Logo se avista o letreiro “Costurando Sonhos” indicando um ateliê de costura, dali por diante, seguir pela mesma calçada no sentido sul da cidade é caminhar pelo bairro São Geraldo em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais. Neste relato, o percurso segue íntimo dos termos “costurando” e “sonhos”, pois o reconhecimento do lugar, em fenômenos cotidianos, é apresentado por mulheres que bordam, costuram e sonham.
- 2 São Geraldo é contornado por vias de acesso à cidade e suas saídas, especificamente, pela mencionada Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, entre o eixo norte e sul, ligando a velha e uma nova centralidade do município; a Avenida Perimetral (Avenida Pinto Cobra); e as Diques I (Avenida Ayrton Senna) e II (Avenida Vereador Hebert de Campos). Sua localização central, apesar de favorável na cidade, equivale a uma área precarizada<sup>1</sup> desde sua fundação no final do século XIX, quando era chamado oficialmente de Aterrado por conta dos aterros feitos na várzea que ocupa na beira do rio Mandu.
- 3 Em meio à aparente facilidade de circulação, há limites no uso da cidade para seus moradores que ainda lidam com falhas estruturais<sup>2</sup> em seu interior e consequentemente têm poucas (ou nenhuma) condições de transitar em outros espaços de maneira equânime.

- 4 Casas com pouco recuo da rua, pé direito baixo, sem reboco, com cercas de madeira e arame, cômodos construídos improvisadamente, ou ainda, sobrados recém-pintados, com muros altos, garagens, cercas elétricas e câmeras de segurança. Os meios de transporte utilizados, o comportamento das pessoas, as formas de trabalho e o próprio desenho que tem seu contorno delineado basicamente pelas vias de acesso, pelo rio Mandu e por uma área de despejo de entulho, pontuam semelhanças mas sobretudo diferenças em relação à cidade. Essa condição se dá em um processo de urbanização que se apresenta com certo atraso no bairro, comprometendo sua funcionalidade, estética e o uso de seu espaço urbano. As percepções se ampliam ao dar passos observando, na altura da ponte, as margens do Mandu e depois adentrando as ruas do interior do bairro.



**FIGURAS I E II: CADERNO DE CAMPO**

**FONTE: ARQUIVO DA AUTORA, 2020.**

- 5 As figuras I e II acima são parte de rascunhos elaborados em meio às vivências em campo e pretende ilustrar as tramas que constituem o lugar, ora de proximidades, ora de separações. Seu espaço pode ser dividido pelas áreas de **bordas**, mais carente da ordem urbana como ruas sem calçamento, esgoto a céu aberto, ocupação irregular do solo, pessoas em situação de vulnerabilidade; **intermediárias**, com certo nível estrutural, ruas estreitas, não lineares e tomadas por gente, moradias e pontos comerciais, algum equipamento público; e pelas **vias de acesso**, onde se estabelece um contato com a lógica da cidade, por onde passa o transporte público e prevalece o comércio. Essa divisão é primária mas aponta para a existência de muitos territórios contidos em um só.

6 Multifacetado, São Geraldo apresenta elementos para se pensar o desenvolvimento em níveis ambientais, culturais, econômicos, políticos e sociais em meio à cidade que cresce mas não supera desigualdades na mesma medida. Nesse sentido, coexistem arranjos

criativos e solidários relativos tanto à escassez, primeiramente estrutural, portanto decorrente da necessidade de constante reinvenção em seu uso, quanto à abundância, que pode ser vista por exemplo nos saberes e fazeres populares resistentes. O (re)conhecimento da pluralidade existente no bairro passa por seus sujeitos, seus espaços e pelas relações cotidianas.

- 7 Nesse relato o que se pretende é apreender experiências do bairro São Geraldo a partir de mulheres que bordam e costuram nele. Em outras palavras, considerar a perspectiva local frequentando um grupo de bordadeiras e mapeando, na interação como o próprio grupo e com a rua por meio de caminhadas, costureiras que trabalham de forma autônoma no bairro. Justificando-se pela importância de localizar a potência da cultura em meio ao discurso de desenvolvimento adotado pela cidade, gerando subsídios para ações sociopolíticas e fomentando a pesquisa e extensão acadêmica.
- 8 A metodologia pautada na etnografia do bordado proposta por Pérez-Bustos e Piraquive (2018) demonstrou no decorrer dos encontros com mulheres habitantes do bairro que, ao bordar, a possibilidade de trocas revela camadas antes ocultas ou pouco mencionadas sobre o lugar. Essa interação acaba por facilitar outros encontros, para além do grupo fechado do bordado, adentrando ateliês de costureiras no São Geraldo para ouvi-las na intimidade de seus trabalhos.
- 9 Na proposição considera-se essencial a aproximação dos sujeitos para compreensão do lugar, no decorrer da pesquisa de campo feita em 2019 (para fins do trabalho de dissertação que antecede esse texto), a inserção na trama social que constitui o bairro se deu pelas linhas do bordado e da costura, a partir do encontro com mulheres que vivem à margem do rio Mandu.

## Bordando no lugar

- 10 A aproximação do grupo que se reúne na Policlínica, mais especificamente no Materno Infantil localizado no São Geraldo, me permitiu reconhecer certa diversidade entre as mulheres que o compõe: idosas, adultas, crianças, jovens; mestiças, negras, brancas; mães; moradoras do bairro; exceto Margô<sup>3</sup>, que frequenta o grupo por indicação de sua terapeuta e as mediadoras, a médica Laurinda e a assistente social Eugênia, essas moram em outros bairros, mas são frequentadoras assíduas do São Geraldo por trabalharem lá.
- 11 Esse grupo é nomeado “Clube de Mães”, seus encontros acontecem sempre às terças-feiras com hora marcada, das quatorze às dezenas e trinta da tarde, principalmente para que haja tempo de cumprirem a tarefa de levar e buscar as crianças nas respectivas escolas ou creches. Há cerca de quatro anos as mulheres se encontram e (re)criam um espaço de acolhida ao bordarem um tipo de bordado, chamado vagonite.
- 12 Considerado como uma tipologia fácil de bordado, o vagonite exige atenção numérica, pois o contorno dos padrões se dá de acordo com a passagem da linha no número certo de “casas” e assim como em outros tipos, há pontos tradicionais que são replicados e têm o jeito certo de feitura. Pela delimitação do espaço e das formas na trama-base do tecido vagonite onde se borda, há sugestão da simetria como ideal estético. A técnica comumente é usada para adornar itens domésticos, tanto que no “Clube de Mães” as mulheres bordam o vagonite em faixas que serão aplicadas posteriormente em panos de prato.

- 13 Em 2017, no primeiro contato com o grupo, elas ocupavam o saguão, convivendo com a circulação de pessoas, entre um espaço e outro; durante o ano de 2019 ficaram reservadas em uma pequena sala que a princípio seria um consultório médico. Há um enfrentamento latente entre quem tem o interesse de garantir a existência do grupo e quem o percebe como desvio de função naquele equipamento público.
- 14 As justificativas do desvio perpassam pela noção de que uma unidade de saúde deve cumprir um papel normativo, ofertando serviços como consultas médicas e campanhas de vacinações, de acordo com a meta de atendimentos prevista. Desse modo, o sentido de lugar ocupado pelas mulheres se amplia dos aspectos meramente físicos para os simbólicos e, do próprio conceito de saúde institucionalmente demarcado, compondo assim a perspectiva da saúde de ação preventiva, a favor da qualidade de vida ao invés de restrita à remediação (Lima; Bomfim 2012).
- 15 Ao final dos encontros, as mulheres partilham um lanche na cozinha de uso das funcionárias do Materno. O cardápio costuma ser um pão salgado recheado com frios, café e suco artificial ou, em dias especiais, refrigerante; de iniciativa de Laurinda e Eugênia, que preparam tudo para esse momento, a alimentação estimula o fortalecimento de vínculos entre as mulheres de maneira mais descontraída.
- 16 O sustento do grupo tem sido feito através da venda dos panos de pratos bordados com vagonite pelas próprias integrantes e de doações esporádicas feitas por quem simpatiza com o trabalho realizado. Não há qualquer seguridade institucional ou normativa à vida do grupo, ele existe enquanto permanecer a ação de resistência, combinando a comercialização do artesanato com a recepção de doações para a manutenção de sua autonomia. Ao mesmo tempo, o vínculo da médica e da assistente social como funcionárias com a Policlínica e seu surgimento naquele ambiente de saúde pública faz com que haja uma relação de dependência em relação à gestão do equipamento.
- 17 Em relação às regras estabelecidas pela direção da Policlínica, sob coordenação da Secretaria Municipal de Saúde, o grupo está sujeito a constantes alterações de ambiente, dificultando sua fixação e consequentemente causando a sensação de instabilidade nas integrantes. Ao mesmo tempo, sua organização é definida internamente; contando com a mediação de Lurinda (médica) e Eugênia (assistente social) as mulheres definem o conteúdo e a forma de trabalho, podendo o vagonite ter diversos contornos, conforme as contribuições de quem participa.
- 18 Com isso, no final de março de 2020, o “Clube de Mães” foi transferido para o Clube do Menor (Centro de Educação Infantil Padre Pavoni), uma instituição filantrópica vizinha à Policlínica que cedeu seu espaço para permanência do grupo. Os encontros devem manter o mesmo formato e a mediação das profissionais de saúde, porém, nesse ambiente voltado para educação infantil.
- 19 Diante dessa disputa de espaço físico para encontros, ainda que guardada nas sutilezas por não contar com manifestações públicas e/ou oficiais por parte das integrantes do “Clube de Mães”, pode-se dizer que a segregação sociocultural na cidade é reforçada pela carência de equipamentos comunitários, dificultando a inserção das minorias na trama urbana e reforçando a insegurança de certas zonas (Villagrán 2007). Dessa forma, o envolvimento das mulheres com o “Clube de Mães” é uma maneira de se manter um espaço de sociabilidade, que mesmo com pouca estrutura funciona principalmente como lugar afetivo e de apoio psicossocial.

- 20 Segundo Silva (2013), em meados de 1930 no Brasil, as mulheres de classes favorecidas eram influenciadas a praticar atividades artesanais nos colégios religiosos a fim de uma instrução para os bons modos, enquanto para as mulheres e meninas pobres o artesanato era dos poucos ofícios que possibilitavam o sustento de suas famílias (Silva 2013). E Tabet (2005) aponta que os ofícios feminizados como o cuidar, o costurar e o bordar são trabalhos entendidos como menores e de pouca elaboração técnica, portanto incompatíveis com os avanços tecnológicos que se associam à noção de progresso restrita ao privilégio masculino.
- 21 A partir dessas afirmações, cabe pontuar a existência de um “papel social” do bordado, como reivindicação por espaços de participação, principalmente quando praticado por mulheres negras e em situação de vulnerabilidade em territórios marginalizados, como ocorre em alguma medida no “Clube de Mães”.
- 22 Como já sinalizado no texto, faz-se presente no “Clube de Mães” o caráter assistencial, ainda que haja alguma brecha para a emancipação das mulheres participantes, seja em aspecto econômico, cultural, psicológico e/ou social. Brecha que se encontra nas trocas, no desenvolver da habilidade manual e intelectual, nas experimentações estéticas que tecido, agulha e linha, cor e textura estimulam. O viés político do encontro, que traz informações, conhecimentos, visões diferentes e complementares de mundo, provoca a efetivação de uma rede de apoio entre as mulheres que passam a ter uma como referência da outra e ganham fôlego para ações individuais ou conjuntas.
- 23 Como relatam Pérez-Bustos e Piraquive (2018), a partir do trabalho etnográfico junto a grupos de bordado como o *Tejedoras por la Memoria de Sonsón* (TMS), coletivo que por intermédio do fazer têxtil narra figurativamente a violência e as lutas das mulheres para superação dos conflitos, fazendo do trabalho manual metáfora de transformação da realidade; e o coletivo *Costurero Documental* (CD) formado por mulheres jovens que bordam suas experiências de sexualidade, juventude e feminilidade. Ainda que esses espaços apresentem intenções políticas e finalidades distintas são coincidentes no tipo de coletividade que conformam, enquanto possibilidades de encontro, cura e criatividade entre as mulheres.
- 24 O compartilhar implica em momentos únicos de aprendizagem e ensinamentos, entre fazer, desmanchar e refazer os bordados, entre conversas dolorosas, felizes e esperançosas (Pérez-Bustos; Piraquive 2018). O saber-fazer permite que as mulheres se reconheçam e construam como mulheres.
- 25 Pela dimensão coletiva, as mulheres que participam do grupo de bordado reforçam experiências femininas e, por vezes, feministas (Pérez-Bustos; Piraquive 2018). A noção de feminismo adotada pelas autoras corrobora com a ideia do feminismo como prática contínua defendida por Pentney (2008), com isso se trata do feminismo capaz de se manifestar de maneira horizontal. Em outras palavras, a luta pelos direitos das mulheres na sociedade se dá tanto pelas articulações sem um posicionamento político evidente como ocorre no “Clube de Mães”, como nas ações de enfrentamento direto.
- 26 Ao bordarem, a realidade vai se configurando em tramas profundamente íntimas e afetivas, que passa pela questão de gênero, classe e raça. Os assuntos que permeiam o encontro, normalmente são atrelados às vivências cotidianas das mulheres como o relacionamento com maridos e familiares, que por vezes é acompanhado de relatos de conflitos e violência doméstica; a educação dos filhos; o compartilhar de receitas caseiras de alimentos ou medicinas; informações sobre direitos dos quais elas podem

acessar, por exemplo, quando há uma vaga de emprego, um curso gratuito, um atendimento específico de saúde; algum acontecimento na vizinhança que elas deem relevância. Portanto, o bordado coletivo afeta o fazer etnográfico e as formas de sociabilidades conforme bordamos.

- 27 No decorrer das conversas há sempre uma menção à cidade de maneira distante, pouco acessível. A cidade está como uma noção de ordem, de funcionalidade, já que é a partir dela que questões básicas são definidas, ela é percebida em situações pontuais como na necessidade de matrícula do filho na escola mais próxima de acordo com os critérios estabelecidos pelo município. Com isso, o uso do espaço da cidade, por parte das mulheres integrantes do “Clube de Mães”, acaba restrito ao lugar do bairro.
- 28 É interessante notar também que o ambiente que se cria acaba por influenciar diretamente na feitura do bordado. Quando a criança pede muita atenção da mãe o bordado é deixado de lado até que sua solicitação seja atendida, quando se fala em um assunto polêmico como a possibilidade de separação do marido surge logo um enroscô na linha, quando há um tema engraçado, que causa entusiasmo, somos capazes de bordar sem perceber o tempo passar, às vezes o silêncio pode levar a um estado de concentração que aparece na qualidade do contorno do desenho ou em um erro não comunicado com as demais integrantes, que exige o desfazer e refazer desde o princípio. A afetação se faz mútua entre as mulheres em seus fazeres e, como pesquisadora, faço parte disso.
- 29 Essa desenvoltura está diretamente relacionada ao contexto em que se encontram, pois no bairro São Geraldo as mulheres muitas vezes estão limitadas ao ambiente doméstico e pouco conseguem ultrapassá-lo. Nesse sentido, há certa transgressão na concepção de um elemento de função doméstica como é o pano de prato, ao fazê-lo em um espaço público e coletivo.

## Costurando no lugar

- 30 Em um dos encontros do “Clube de Mães”, enquanto bordávamos, conversamos sobre costura. Nessa oportunidade, perguntei se alguém conhecia pessoalmente quem trabalhasse com costura no São Geraldo, já que ao caminhar pelas ruas do bairro eu havia notado placas indicando serviços de ajustes e consertos de roupas, ainda que não tivesse me aproximado das pessoas responsáveis pelos anúncios. Poucos nomes surgiram, mas prontamente Dona Mayara se dispôs a me conduzir até uma delas, sua vizinha Dona Jurema. Quando chegamos perto, Dona Mayara me indicou a costureira que estava finalizando conversa com uma terceira vizinha, esperei a oportunidade e me apresentei.
- 31 Dessa vez o enunciado era “Pronto Socorro da Costura”, a placa escrita em caixa alta e com vista lateral para facilitar a visualização de quem passa por ali, pois segundo Dona Jurema, ela está sempre disponível para receber as peças que precisam ser costuradas. Logo me convidou para entrar e sentar na cadeira que estava encostada na porta.
- 32 Seu ateliê fica no cômodo da frente da casa, um pequeno espaço, mas suficiente para caber as máquinas, aviamentos, ferramentas e tantas sacolas de roupas que clientes deixam para ajustes e consertos. Mas o detalhe que me chamou atenção foi um retrato pendurado no alto, perto da janela, bem de frente para a porta: uma fotografia antiga

de um homem costurando. Perguntei a Dona Jurema quem era e soube que se tratava de seu pai, que era alfaiate.



**FIGURA III E IV: RETRATO DO ALFAIADE E CADerno DE CAMPO**

**FONTE: ARQUIVO DA AUTORA, 2020.**

- 33 As figuras III e IV são tentativas de evidenciar a presença da costura naquele ambiente, a primeira traz o retrato que guarda a memória do ofício passado de uma geração para outra, de pai para filha; e a segunda figura, um esboço do próprio retrato feito por mim após a visita, acompanhado de dizeres que partem das falas de Dona Jurema ao contar sobre como a costura faz parte de sua história de vida. Com isso, se evidencia que as relações entre os sujeitos não se restringem à técnica da costura; ao contrário, nesse contexto permite que se reconheçam em seus saberes e fazeres, pela troca de conhecimento, por vivências guardadas na materialidade de um tecido ou de uma máquina de costura.
- 34 Além de ser recebida por Dona Jurema, estive também com Glória, Kênia e Anita, todas elas costureiras no bairro, trabalhando, cada uma a seu modo, de maneira autônoma e ligadas pelo saber da costura, pelo ritmo das máquinas. A necessidade de geração de renda é um ponto em comum, seja de maneira complementar, como no caso de Dona Jurema, ou determinante, como é para Kênia, a responsável pelo sustento de seus filhos e das despesas domésticas.
- 35 Na casa de Glória há uma placa “concerta-se roupas” na fachada com seu número de celular para contato. Seu ateliê, diferente das outras costureiras, não fica no cômodo da frente e Glória me recebeu em sua sala de estar. Após poucas palavras trocadas percebi seu sotaque nordestino, enquanto migrante e na companhia de seu marido. Ela diz que pouco interage com vizinhos ou pessoas que conhece do bairro, mas relata que gosta de morar lá pelo fácil acesso ao centro, onde presta serviço de consertos e ajustes para uma loja.
- 36 Kênia é quem mora mais próxima da borda, proporcionalmente distante das avenidas. Seu ateliê tem porta aberta para a rua, como um ponto comercial, e o cartaz traz seu nome, número de celular, as palavras “costureira” e “consertos em geral”, além de ilustrações de máquina e aviamentos de costura. Kênia conta sobre seu trabalho diário no ateliê, e quando direcionamos o assunto para o bairro São Geraldo, ela demonstra uma postura participativa, contando alguns episódios de ausência do Estado e alguns avanços perceptíveis a ela no bairro.

- 37 Em um dos relatos da costureira ela conta que é preciso cobrar frequentemente a prefeitura para a limpeza do córrego que fica na esquina de sua casa, quando esse é tomado pela vegetação e pelo despejo de lixos domésticos, condição que atrai animais indesejados como ratos e baratas. Nesse sentido, as ausências dizem respeito às situações de precariedade quanto ao saneamento básico em seu entorno. Kênia também comemora a iluminação pública e o calçamento que chegou até sua rua, como medidas que dão maior segurança aos moradores e facilita a chegada de suas clientes para contratarem seus serviços de costura.
- 38 Nas histórias de vida dessas mulheres a costura está como um saber-fazer que foi repassado de maneira espontânea e que, em alguma medida, complementa a renda familiar, substituindo o desemprego, sendo útil ou possibilitando uma atividade criativa.
- 39 Entretanto, há uma intencionalidade de fazer desse trabalho a principal fonte de renda dessas mulheres, como é caso de Anita. A fim de se dedicar a uma profissão que lhe permitisse autonomia quanto ao local e as horas trabalhadas, a costura apareceu como uma saída viável, por isso buscou formação profissional e optou por oferecer serviços de reforma, ajustes e customização em seu ateliê.
- 40 A costura se dá no lugar de maneira contextualizada, possibilitando a interação das costureiras com clientes, que em sua maioria habitam o bairro. O espaço de trabalho permite a interação dos sujeitos, como um entremedio entre o ambiente doméstico e o público, onde o ateliê e rua se configuram conforme as experiências e expectativas de quem vivencia o São Geraldo.
- 41 Isso se faz presente nas roupas das crianças, nos uniformes de trabalhadoras e trabalhadores ou em uma peça de vestuário mais formal que precisam ser reformadas ou transformadas para aumentar seu tempo de usabilidade; um hábito de consumo que no bairro ainda está mais próximo da necessidade de economia do que do desejo por parte de quem procura o serviço da costura<sup>5</sup>. Mas, sobretudo, nas trocas que acontecem ao longo das conversas entre os sujeitos, dos acordos do tipo de serviço e pagamento a serem feitos, das histórias e estórias contadas, das notícias locais que se atualizam, na confiança de se deixar um peça de roupa sobre o cuidado da costureira, na relação de confiança que se estabelece.

## O lugar nas entre linhas

- 42 A pretensão de relacionar lugar e as mulheres que nele bordam e costuram parte do pressuposto de que as experiências vivenciadas no cotidiano do bairro o constituem, colaboram em sua caracterização e dizem respeito à sua identidade perante a cidade, bem como aos seus próprios habitantes. Com isso, ao caminhar pelo bairro São Geraldo localizando bordadeiras e costureiras e ouvindo delas o que capturam de suas práticas, no lugar em que estão inseridas, um exercício cartográfico passa a ser rascunhado.
- 43 As mulheres com quem conversei se reúnem para interagir e bordar com outras mulheres, e fazem isso sustentadas por seus corpos, seus sonhos e contextos de vida. Ainda que realizem um trabalho mais solitário junto às suas máquinas de costura, desenvolvem interações prévias ao receberem outras pessoas em seu espaço ou ao desempenharem outros papéis. Elas juntam não só retalhos, mas também percepções de seu tempo e espaço.

- 44 As noções subjacentes no ato de bordar e costurar para o “Clube de Mães” e as costureiras, respectivamente, elaboram uma mistura de relações que extrapolam as noções do espaço físico da casa, do lugar de encontro e dos afazeres domésticos, as quais constituem um campo de possibilidades destacadas pelas projeções que fazem por uma vida, bairro, casa e relações intermediadas pela dignidade do existir.
- 45 No contexto que apresento, o sonho ou o sonhar transcende a capacidade do inconsciente se manifestar no sono permitindo experiências da imaginação fora da concretude das relações. Falo do sonho acordado, das projeções e das expectativas de realização pessoal em torno da inserção do ser no mundo, a qual se dá por vias externas, na dimensão do social, influenciado por uma série de fatores simbólicos, socioculturais, políticos, econômicos, morais, éticos, demográficos (entre outros) presentes na efetivação da vida vivida.
- 46 O bordar e o costurar permitem ao sonho do acordado, prospecção de vida em sociedade, ser uma ficção, um bálsamo que, dotado de significados, símbolos e sentidos, distanciado da realidade social permite às mulheres o seu próprio existir e o repensar de sua condição de mulher, mãe, moradora do bairro, cidadã.
- 47 Portanto, é com base em Marc Augé (1998), a guerra dos sonhos, que efetivo um diálogo entre as mulheres, suas histórias, sonhos dentro da contemporaneidade, ressaltando o fortalecimento dos vínculos de sociabilidades e confiança constituídos na experiência das costureiras e bordadeiras, por meio de fazeres, saberes e práticas ritualísticas emancipatórias.
- 48 O perfil das mulheres citadas demonstra que prevalece entre elas a baixa escolaridade, o não vínculo empregatício, o papel de mãe e, apesar de haver diferentes faixas etárias e raças, seus discursos e vivências com relação ao habitar o São Geraldo são similares. A presença de um espaço institucionalizado de acolhida às mães e da prestação de serviço em ambiente doméstico indica que reside ali uma demanda pelo encontro e pelo trabalho.
- 49 Ouvindo Dona Jurema contar sobre sua rotina com as costuras, um trecho me chamou atenção:
- Tem uma parte na Bíblia que fala que existiu uma mulher que chamava Dorca e ela era da caridade, ela costurava para os pobres, entendeu? Aí eu pego e falo pra minha filha assim: - Eu sou igual Dorca, eu gosto de costurar pros pobres, né? E não cobro. Mas Deus me abençoa muito, que às vezes eu tenho esses fregueses que moram lá no centro, essas pessoas que não vêm no bairro, complicado... Aí eu vou buscar e vou levar. (...) Eles falam que é muito perigoso, que têm medo de vir com o carro, ficam com aquela fama.
- 50 Conforme narra suas relações, Dona Jurema enquanto costureira, demonstra que é preciso perceber as pessoas de acordo com suas histórias de vida; a partir disso, não só a cobrança por um serviço pode variar, mas também o grau de proximidade ou distanciamento entre elas. Perante a condição vulnerável de um vizinho ela se solidariza baseada em seus valores religiosos, e quando se trata de alguém que pode pagar pelo serviço, mas reside em outra localidade e não se dispõe a adentrar o bairro São Geraldo, Dona Jurema se desdobra para transitar indo até o cliente.
- 51 Ao passo que Pouso Alegre é considerada uma cidade desenvolvida<sup>6</sup>, notar a dinâmica do bairro São Geraldo enquanto parte de seu território é propor uma discussão ampliada sobre esse conceito. A concepção de desenvolvimento deve superar a ideia de equivalência ao crescimento econômico, limitado “ao confinamento da lógica do

“progresso”, da “evolução”, dos modelos econômicos competitivos e do mundo industrial e urbano” (Pimenta 2014: 51), quando na verdade há uma produção da exclusão e da desigualdade social.

- 52 Entretanto, na exclusão também pode ocorrer a manutenção de costumes que permitem certa autonomia aos excluídos, como nas palavras de Iracema que demonstram um remédio que não se encontra em farmácias: “(...)Tem um remédio também bom pra bicho desconfiado, uma benzedeira que morava lá perto da minha casa que me ensinou, é: torra nove sementes de algodão e põe a semente no paninho e maceta elas, depois mistura com três colher de leite e dá pra criança tomar”.
- 53 Essa receita que Iracema compartilha durante o encontro de bordado é acompanhada de reações diversas pelas colegas: interesse, validação, divertimento e, principalmente, identificação. Uma série de narrativas parecidas se sucederam, nelas o modo de perceber o outro em suas demandas, nesse caso, a “criança desconfiada” com desejo de algo que não teve, demonstra certa naturalidade, fazendo com que os remédios caseiros sejam repassados e façam sentido para a cura. Desse modo, o intermédio para solução de um problema se dá entre as próprias pessoas e os saberes que elas carregam, sem depender de uma infraestrutura urbana consolidada.
- 54 Nesse sentido, bordadeiras e costureiras alinhavam percursos em meio ao lugar que atravessam a noção externalizada do que vem a ser a cidade, configurando experiências endógenas, perceptíveis nos espaços de sociabilidade dos quais são integrantes, nas materialidades têxteis que produzem, nas trocas simbólicas que estabelecem e nas afetividades que manifestam umas com as outras, com sua família e com o bairro enquanto território apropriado.

## Considerações Finais

- 55 O registro etnográfico resultou este impresso. Certamente, o bairro contado por outros sujeitos seria revelado em outras facetas e isso não é um problema, um defeito de pesquisa; ao contrário, reforça a complexidade da dinâmica urbana e a necessidade de que cada vez mais a produção de conhecimento faça os registros e análises sobre determinado território para permitir e considerar a emersão das diversas formas de vida presente nele.
- 56 Do ponto de vista dessas mulheres que habitam o bairro São Geraldo, bordar ou costurar faz parte das experiências no lugar. As bordadeiras e costureiras em seus fazeres, individuais e coletivos, estabelecem movimentos de trocas que vão “cosendo” histórias de sociabilidade, solidariedade, políticas de lutas por um bairro melhor e dinâmicas que extrapolam as questões de renda. A este conjunto de possibilidade que se apresenta o “sonho” e o “sonhar”, sempre a partir de experiências no cotidiano, concreto, materializável, que superam as ausências de políticas sociais, culturais, econômicas, simbólicas e urbanas ao bairro.
- 57 Enquanto exercem o ofício e dialogam sobre ele, suas questões pessoais, acontecimentos cotidianos e circunstâncias da vida, elas apresentam o lugar que ocupam como mulheres e ainda caracterizam o território em que vivem.
- 58 A abertura para a participação social manifestada no grupo e nos respectivos ateliês, espaços criados sob responsabilidade das mulheres, dialoga com o caráter de luta e perseverança dos moradores, bem como da existência do próprio bairro, no sentido de

ser um bairro que não segue a ordenação urbana da cidade por ser historicamente marginalizado, porém permite dinâmicas próprias e se reinventa diante das adversidades.

- 59 Dentro da pretensão proposta, no sentido de apreensão das experiências observadas e registradas em caderno de campo sobre o bairro São Geraldo, tomando como ponto de partida e referência o convívio com as mulheres bordadeira e costureiras, busquei relatar a complexidades das relações que promovidas ultrapassam o tecido, a agulha e a linha.
- 60 No ato de “coser”, ao mesmo tempo construíram sentidos existenciais para as mulheres, foram aparecendo histórias de vidas, de lutas, de realidades do bairro, cidade e domésticas, mas também indicando marcas da socialidade, solidariedade e autonomia para enfrentamentos da vida cotidiana.
- 61 Na base dessas relações encontra-se a constituição de uma rede de segurança, mesmo que não seja visibilizada, em que estabelecem trocas de conhecimento, de experiências e de energias, necessárias para seguir em frente. Por outro lado, o relato traz um “desenho” das expressões extraídas nos diálogos com as bordadeiras e costureiras que retratam a realidade (e os significados que elaboram) do lugar.
- 62 O bairro São Geraldo, tal e qual se configura pelos olhares das mulheres, pode ser imaginado em afetos, sentimentos, expressões, experiências e descrições intermediado pelos relatos promovidos nas reuniões dos bordados e nos ateliês das costureiras, as quais deram linha, cores e formas a seus tecidos, tecendo bordados e costuras que favorecem o sentido à vida do lugar.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Alexandre Carvalho de. 2014. Pouso Alegre (MG): expansão urbana e dinâmicas socioespaciais em uma cidade média. Rio Claro: Tese de Doutorado em Geografia, UNESP.
- AUGÉ, Marc. 1998. A Guerra dos Sonhos: exercícios de etnoficção. Campinas: Papirus.
- BARBOSA, André Silva. 2015. São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos. Pouso Alegre: Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, UNIVAS.
- FERREIRA, Sabrina Moraes; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; ALVES, Thabata Caroline Ferraz. 2018. “Bazares de roupas: espaços para se pensar o desenvolvimento”. Anais: 14º Colóquio de Moda (GT10: Moda e Sustentabilidade).
- FURTADO, Celso. 1974. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MIRANDA, Lays Horta de; MORATO, Rúbia Gomes; KAWAKUBO, Fernando Shinji. 2012. Mapeamento da Qualidade de Vida Urbana em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais. Revista do Departamento de Geografia -USP vol. 24: 24-36.
- PENTNEY, Beth Ann. 2008. “Feminism, Activism, and Knitting: Are the Fibre Arts a Viable Mode for Feminist Political Action?”. *thirdspace: a journal of feminist theory & culture*, 8(1), 1-15.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. 2018. Desfazendo pontos de vista feministas: reflexões metodológicas da etnografia do design de uma tecnologia. Texto apresentado na abertura do I Seminário Internacional sobre Tecnociênci a e Gênero, UNIFEI.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; PIRAUIVE, Alexandra Chocontá. 2018. “Bordando una etnografía: sobre como el bordar colectivo afecta la intimidad etnográfica”. *Debate Feminista* 56: 1-25.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; TOBAR-ROA, Victoria; MÁRQUEZ-GUTIÉRREZ, Sara. 2016. “Etnografías de los contactos. Reflexiones feministas sobre el bordado como conocimiento”. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* nº. 26: 47-66.

SACHS, Ignacy. 2008. Desenvolvimento: includente, sustentável e sustentado. Rio de Janeiro: Garamond.

SILVA, Gezenildo Jacinto da. 2013. Rendas que se tecem, vidas que se cruzam: tramas e vivências das rendeiras de renascença do Município de Pesqueira/PE (1934-1953). Recife: O autor.

TABET, Paola. 2005. “Las manos, los instrumentos, las armas”. En Ochy Curiel y Jules Falquet (eds.), “El patriarcado al desnudo: tres feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paula Tabet, Nicole Claude Mathieu” (pp. 57-129). Buenos Aires: Brecha Lésbica.

VILLAGRÁN, Paula Soto. 2007. “Ciudad, ciudadanía y género: problemas y paradojas”. *Territorios* nº 16-17: 29-46.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pouso-alegre/panorama>> Acesso em: 01/11/2019.

## NOTAS

1. O bairro é classificado como uma “Zona Especial de Interesse Social” no Plano Diretor Municipal por apresentar as piores condições de rendimentos da cidade e consideráveis problemas socioambientais.
2. Com baixos índices de infraestrutura urbana, socioeconômico e de instrução populacional (Miranda; Morato; Kawakubo: 2012) a marginalização se dá também em nível simbólico, como afirma Barbosa (2015) baseando-se na análise de discurso. Barbosa (2015) afirma que o bairro está no imaginário dos cidadãos como um lugar onde acontece o tráfico de drogas, a prostituição e a violência, significado esse que permanece de alguma forma no imaginário de seus próprios habitantes (Barbosa 2015: 56).
3. Ao longo do texto, os nomes mencionados são fictícios a fim de preservar a identidade das mulheres que voluntariamente se dispuseram às vivências e a esta pesquisa em si. Trata-se de trocas que extrapolam a formalidade de uma entrevista, possíveis por conta da relação de confiança entre quem realizou a pesquisa e quem faz parte do lugar pesquisado.
4. Cabe também relacionar a denominação “Clube de Mães” aos grupos femininos crescentes em meados de 1970 no âmbito das ações culturais comunitárias da Igreja Católica, esses que surgem conforme se configuram os espaços de Educação Popular com fortes influências epistemológicas do educador Paulo Freire. Tal relação ajuda a identificar a influência do aspecto religioso no grupo, conforme se estabelecem diálogos, cotidianos conselhos ligados à moral cristã saltam. Conforme expôs Suzana Costa Coutinho sobre “Movimentos sociais no Brasil: breve apontamento histórico a partir da práxis” na oportunidade da “XX Semana de História: A escrita da História e suas histórias”, na Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), no dia 30 de outubro de 2019.
5. A esse respeito o texto “Bazares de roupas: espaços para se pensar o desenvolvimento”, publicado em Anais do 14º Colóquio de Moda, aponta como os bazares são uma saída que viabiliza um maior acesso ao consumo de roupas por parte de habitantes do bairro São Geraldo (Ferreira;

Pimenta; Alves 2018). Aqui, associasse a compra em bazares a necessidade de contratação de serviços de consertos e ajustes de costura, já que roupas usadas por diferentes pessoas podem demandar adequações de um corpo para o outro.

6. Além de ter apresentar números relevantes quanto ao Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos, Pouso Alegre se destaca pelo fácil acesso aos grandes centros urbanos do país, como o eixo comercial São Paulo - Belo Horizonte; por estar às margens da Rodovia Fernão Dias, ligada às BRs 459 e 381, a cidade possibilita a circulação de mercadorias, sendo corredor do transporte de parte da produção industrial entre Minas Gerais e São Paulo. Uma cidade média, de urbanização concentrada, relevante movimento migratório (Andrade 2014) e uma população estimada no ano de 2019 em 150.737 habitantes (IBGE 2019).

---

## RESUMOS

Este relato se refere ao bairro São Geraldo em Pouso Alegre/MG, parte da interação com mulheres que bordam, costuram e sonham no lugar. A localização central do São Geraldo, apesar de favorável na cidade, equivale a uma área precarizada pelo processo de urbanização que se apresenta com certo atraso no bairro, comprometendo sua funcionalidade, estética e o uso de seu espaço urbano. O (re)conhecimento do aspecto plural existente no lugar passa por seus sujeitos, seus espaços e pelas relações cotidianas. O texto tem como objetivo apreender experiências do bairro São Geraldo a partir de mulheres que bordam e costuram nele. Justifica-se pela importância de localizar a potência da cultura em meio ao discurso de desenvolvimento adotado pela cidade, gerando subsídios para ações sociopolíticas e fomentando a pesquisa e extensão acadêmica. A metodologia pautada na etnografia do bordado, proposta por Pérez-Bustos e Piraquive (2018), demonstrou no decorrer dos encontros com mulheres habitantes do bairro a possibilidade de trocas em meio ao fazer manual, revelando camadas antes ocultas ou pouco mencionadas sobre o lugar.

This report refers to São Geraldo district in Pouso Alegre, state of Minas Gerais, part of the interaction with women who embroider, sew and dream in the place. The central location of São Geraldo district, despite favorable in the city, represents an area precarized by the urbanization process which is set with a certain delay in the district, compromising its functionality, aesthetics and the use of its urban space. The (re)identification of the plural aspect existing in the place involves its individuals, its spaces and through the daily relations. The text aims to seize experiences from São Geraldo district from women who embroider and sew in this area. It is justified by the importance of locating the power of the culture amid the speech of development adopted by the city, generating subsidies for socio-political actions, and fostering research and academic extension. The methodology based on the ethnography of embroidery, proposed by Pérez-Bustos and Piraquive (2018), showed, in the course of the encounters with women who live in the district, the possibility of exchanges during the handcraft, revealing layers previously hidden or hardly mentioned about the place.

## ÍNDICE

**Keywords:** são geraldo district, embroidery/sewing, ethnography, place, women

**Palavras-chave:** bairro são geraldo, bordado/costura, etnografia, lugar, mulheres

## AUTORES

### SABRINA MORAIS FERREIRA

Mestranda no PPG em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), bolsista FAPEMIG, E-mail: ferreiramsabrina@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2233-9024>

### CARLOS ALBERTO MÁXIMO PIMENTA

Docente no PPG em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), E-mail: carlospimenta@unifei.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2815-7512>